

# **A RELAÇÃO ENTRE EXPERIÊNCIA RELIGIOSA COMUNITÁRIA E POSICIONAMENTO PESSOAL DOS MORADORES DE MORRO VERMELHO/MG**

Achilles G. Coelho Júnior - UFMG  
Miguel Mahfoud - UFMG

## **Resumo:**

Inserida no mundo-da-vida, a pessoa compartilha significados que contribuem para a manutenção e criação da cultura. Edith Stein afirma que na experiência da pessoa que participa de uma comunidade, podemos verificar uma distinção entre vivências individuais e vivências propriamente comunitárias que possuem uma estrutura específica quanto ao conteúdo, sujeito e gênero do fluxo das vivências. A pesquisa tem como objetivo identificar características essenciais da relação entre vivência religiosa comunitária e o posicionamento pessoal dos moradores da comunidade rural-tradicional de Morro Vermelho (Caeté/MG), a partir da elaboração da experiência durante a Festa de Nossa Senhora de Nazareth. Seleccionados sete sujeitos, por amostragem intencional, tendo por critério o fato de serem moradores da comunidade envolvidos na preparação da citada festa. Entrevistas semi-estruturadas, após a transcrição, foram submetidas à análise fenomenológica. Nos resultados identificamos que as vivências religiosas propriamente comunitárias são constituídas pelo reconhecimento da presença e ação de Nossa Senhora de Nazareth na vida pessoal e comunitária, pelo compartilhar significados apreendidos nos símbolos sagrados e pelo acolher a tradição. Cada pessoa contribui com elementos de sentido religioso a partir de acontecimentos particulares, passando a formar a vivência comunitária e a construção de uma bagagem cultural comum. Estas vivências provocam uma tomada de posição pessoal, daqueles que participam como membros da comunidade, implicando: a) devoção permanente a Nossa Senhora; b) abertura a alteridade; c) empenho com a manutenção da tradição local. Este posicionamento possibilita a inserção enquanto sujeitos em seu contexto sócio-histórico específico.

**Palavras Chaves:** Psicologia e Cultura, Fenomenologia, experiência religiosa.

## **Abstract:**

Inserted in the world-of-life, the person shares meanings that contribute to the maintenance and creation of culture. Edith Stein affirms that in the experience of the person who belongs to a community, we may verify a distinction between individual and communal life experience which have a proper structure regarding content, subject and genre of the flow of life experiences. This research aims at identifying essential characteristics regarding the relationship between religious experience and personal attitude among inhabitants of Morro Vermelho (Caeté/MG), a rural-traditional community), starting from the elaboration of experience during the Feast of Our Lady of Nazareth. Seven subjects were chosen by intentional sampling, having as criteria the fact that they were involved in the preparation of the feast cited above. Semi-structured interviews, after transcription, were submitted to phenomenological analysis. In the results, we identified that the communal religious life-experiences are constituted by the recognition of the presence and action of Our Lady of Nazareth in both personal and communal life, by sharing meanings apprehended by sacred symbols and tradition. Each person contributes with elements that acquired religious sense from particular events, which become part of communal life-experience and common cultural wealth. These life-experiences provoke a personal stand from those who participate as members of the community, implying: a) a permanent devotion to Our Lady; b) openness to others; c) commitment in the maintenance of local tradition. This attitude allows for the insertion of the subject as protagonist in its specific socio-historical context.

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho busca examinar as manifestações culturais de uma comunidade rural-tradicional a partir da análise fenomenológica da elaboração da experiência dos sujeitos entrevistados. Trata-se de conhecer a experiência dos sujeitos e os significados comunitariamente compartilhados, conhecendo, assim, a própria expressão cultural, a maneira como vivem sua tradição e como as pessoas se posicionam através das vivências religiosas comunitárias.

Morro Vermelho é uma comunidade rural, distrito de Caeté/MG, localizada a oitenta quilômetros de Belo Horizonte e formada por aproximadamente 800 habitantes. A comunidade de Morro Vermelho organiza-se culturalmente em torno de sua cultura religiosa. A festa de Nossa Senhora de Nazareth vem sendo celebrada há mais de 300 anos por esta comunidade e, através desta, os moradores da comunidade mantêm a tradição cultural viva, assumem seu lugar na participação da festa e sua participação enquanto sujeito social (Araújo e Mahfoud, 2002a, 2002b, 2004). A festa de Nossa Senhora de Nazareth acontece todos os anos nos dias oito de setembro e nos dias anteriores, onde acontece a novena e outras atividades, mobilizando toda a comunidade. A devoção à Nossa Senhora de Nazareth constitui o ponto central da vida comunitária, não apenas nos dias da festa, mas em todo o ano.

O objetivo da pesquisa é identificar as relações entre experiência religiosa comunitária e o posicionamento pessoal, a partir da elaboração da experiência dos moradores da comunidade rural-tradicional de Morro Vermelho (Caeté/MG). Partindo das categorias discutidas por Edith Stein, no que se referem às vivências religiosas e às vivências comunitárias, visamos especificamente: (a) identificar quais vivências religiosas individuais constituem-se como vivências propriamente comunitárias; (b) descrever as características essenciais das vivências religiosas comunitárias; (c) descrever como o posicionamento pessoal é mobilizado pelas vivências religiosas comunitárias.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1. A vivência comunitária**

A experiência de uma pessoa, enquanto membro de uma comunidade, é o objeto de estudo através do qual Stein (1999b) inicia sua pesquisa sobre a estrutura da vida comunitária. A comunidade não é observada no seu aspecto objetivo como forma social, mas é olhada por dentro, ou seja, a partir daqueles aspectos constitutivos formados pelas experiências de seus membros. Realizando uma análise das vivências de uma pessoa, verificamos que existem algumas vivências que são consideradas como “individuais”, que se referem apenas a um significado pessoal e que não entram na constituição das vivências comunitárias; e outras vivências consideradas como “supraindividuais” ou “comunitárias” que se referem àquelas vivências que entram na constituição das vivências propriamente comunitárias.

Façamos o seguinte exemplo: a tropa da qual faço parte é afligida pela perda do seu comandante. Se confrontarmos esta dor com aquela que sinto pela perda de uma pessoa amiga, vemos que os dois casos se distinguem por muitos aspectos: 1) o sujeito do viver é diferente; 2) a estrutura da vivência é diferente; 3) o fluxo na qual a vivência se insere é de gênero diverso (Stein, 1999b, p.163).

Considerando o exemplo acima da vivência comunitária, identificamos que o sujeito desta vivência é um “nós”, ou seja, “nós sentimos a tristeza da perda do comandante”. A tristeza que sinto é sentida por mim, contudo, não é apenas minha a tristeza, mas nossa a tristeza de perder o comandante (Stein, 1999b). Eu – enquanto sujeito desta vivência – participo como membro da comunidade, desta tristeza da comunidade dos soldados; eu sinto em nome do grupo e posso identificar nos outros membros uma “mesma” vivência de tristeza. O sujeito da vivência comunitária vive através de nós, atualiza-se em minhas vivências. No entanto, este nós que é sujeito da vivência comunitária não é constituído apenas por aqueles membros da comunidade

que sentem a tristeza num mesmo momento e da mesma maneira, mas todos aqueles que estão incluídos na unidade do grupo e que vivenciaram antes de mim, estão vivenciando ou vivenciarão a tristeza referida ao mesmo significado comum (Stein, 1999b).

O conteúdo da vivência comunitária é um núcleo de sentido comum em que as diversas pessoas da comunidade visarão como objeto de suas vivências (Stein, 1999b). Podemos falar de uma “mesma” tristeza da comunidade dos soldados não porque todos sentem da mesma maneira a perda do comandante, mas porque todos estão voltados para o mesmo correlato de sentido, ou seja, a perda de uma pessoa importante para a tropa. O correlato da vivência, portanto, é o mesmo para todos aqueles que participam e é correspondente ao conteúdo de significado de cada vivência singular – individual – que se refere a este correlato, ainda que varie a forma individual que o caracterize (Stein, 1999b).

O significado do objeto não é um significado projetado pelo sujeito que o vivencia, mas um reconhecimento das significações que são próprias a cada objeto. Reconhecer estas significações implícitas requer uma consideração da realidade que está diante de nós e nos deixar tocar por ela. Ao ser tocado, colho estas significações próprias do objeto e, ao mesmo tempo, colho a maneira como vivencio estas significações. Esta minha maneira específica de vivenciar este núcleo de sentido do objeto da vivência é denominado por Stein como “invólucro” da vivência (Stein, 1999b, p.165). Desta forma, cada vivência individual de um membro, desde que seja referida a este núcleo de significado comum, toma parte na constituição da vivência comunitária e na medida em que interage com outros sujeitos e com suas vivências, contribui para uma maior aproximação do “núcleo de significado” de uma vivência comum (Stein, 1999b).

Retomando o terceiro aspecto assinalado por Stein (1999b), no exemplo citado anteriormente, identificamos uma especificidade no que se refere ao gênero do fluxo de vivências propriamente comunitárias: (a) o fluxo é constituído por todas vivências individuais que possuem um correlato supraindividual, isto é, o fluxo é constituído pelas vivências das pessoas membros da comunidade na medida em que visam o núcleo de significado comum, ao mesmo tempo em que inserem sua singularidade; (b) no fluxo de vivência da comunidade estão “todas” as tomadas de posição da comunidade referentes ao seu mundo, de forma que este fluxo congrega não só a diversidade do posicionamento dos seus membros, como também uma diversidade que é acumulada no tempo através da tradição que ultrapassa a temporalidade da vida individual; (c) o fluxo de vivências comunitárias abarca as “vivências interiores comuns”, ou seja, além de implicar um voltar-se para o externo – objetos supraindividuais e uma tomada de posição em relação a estes objetos – ocorre um voltar-se dos membros uns para os outros, uma tomada de posição espontânea e voluntária entre as pessoas que constituem a unidade da comunidade.

A vivência comunitária é constituída pelo posicionamento pessoal dos membros que compõe a comunidade. O tipo posicionamento pessoal que constitui as vivências comunitárias pode variar de acordo com o modo no qual a pessoa disponibiliza e compartilha suas vivências individuais, influenciando não só a especificidade das vivências comunitárias, mas a própria característica da comunidade (Stein, 1999b). A pessoa pode tanto compartilhar o significado de seus posicionamentos espontâneos, isto é, o núcleo de sentido apreendido nos sentimentos que nela são despertados ao encontrar com a realidade, mas também seu posicionamento voluntário, onde toma decisões a partir de motivos comuns ou pela maneira como se posiciona em relação aos outros membros.

## **2.2. A vivência religiosa individual e comunitária**

Stein (1998) reconhece que “existem estados nos homens que, em uma mudança imprevista da sua pessoa, acreditam experimentar um influxo da graça divina; outros que nas suas ações se sentem guiados por um espírito protetor” (p. 229). Desta forma, Stein identifica na estrutura da pessoa uma abertura constitutiva que possibilita um encontro com o Outro. Mantendo uma abertura intelectual própria do trabalho filosófico, Stein (1999a) acolhe da teologia a possibilidade de ser ajudada na compreensão sobre a estrutura da pessoa e da comunidade, a partir de um exame filosófico rigoroso sobre as questões e temas que são levantados na dinâmica da experiência religiosa.

Examinando as vivências pessoais, podemos identificar três tipos de vivências propriamente religiosas: (a) *senso religioso e conhecimento natural de Deus*: onde no encontro com a realidade a pessoa apreende um significado, apreende a realidade como símbolo, e neste processo pode além de se perguntar sobre a mensagem que a realidade lhe endereça, perguntar-se também sobre “quem” lhe fala através da realidade, podendo constituir-se como uma experiência religiosa na medida em que concebe um relacionamento com este Outro; (b) *fé*: um posicionamento consciente e livre que vive a presença do Outro com uma certeza vivencial, conhecendo-O através das características que apreende em sua experiência e/ou através da Revelação; (c) *experiência mística*: uma vivência de sentir-se em contato direto com Deus, um encontro onde a estrutura da pessoa humana é mobilizada, de forma que a pessoa acolhe o Outro em sua interioridade e pode, a partir desta, responder à realidade (Stein, 1999a; 1983).

A vivência religiosa pode ser considerada como vivência religiosa comunitária a partir da sua origem – quando é despertada através da mediação de um testemunho, de um ato de ensino que desperte a busca religiosa, ou através dos efeitos da Graça resultantes da oração de um terceiro – mas também através do ato de compartilhar o sentido apreendido na vivência religiosa individual, com os demais membros da comunidade.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Adotamos a Fenomenologia como metodologia utilizada nesta pesquisa (Stein, 1998, 1999b, 2000; van der Leeuw 1992; Eliade, 1999; Ales Bello 1998, 2000, 2004). Segundo Stein (2000), o princípio elementar do método fenomenológico consiste em considerar as coisas mesmas, suspendendo as teorias e os conhecimentos *a priori* que temos sobre as coisas para aproximarmos delas com um olhar privado de preconceito, com a finalidade de acolhermos aquilo que emerge no encontro com a realidade e com a experiência dos outros. O segundo princípio indicado por Stein, refere-se a endereçar o olhar àquilo que é essencial buscando ressaltar os aspectos próprios dos fenômenos e sua essência universal.

Utilizamos como metodologia de coleta de dados a entrevista não diretiva (Richardson, 1985; Michelat, 1987). Michelat (1987) identifica que a entrevista não diretiva pode acessar informações de níveis mais profundos da experiência por considerar a liberdade dos sujeitos entrevistados na escolha das informações e da relevância dos fatos que ele aborda, bem como pode superar a censura imposta por métodos mais diretivos de coletas de dados. A entrevista não dirigida adequa-se ainda ao objetivo de coletar dados não apenas pessoais, por considerar – de antemão – a pessoa como portadora da cultura e das subculturas as quais pertence e as quais representa como sujeito-tipo (Richardson, 1985; Michelat, 1987).

A amostra de sujeitos utilizada foi de tipo intencional (Richardson, 1985). Neste critério buscamos escolher os sujeitos considerando sua pertença à comunidade de Morro Vermelho, enquanto morador, e o fato de estarem empenhados na preparação e participação da festa. Selecionamos e entrevistamos sete pessoas, sendo seis homens e uma mulher. As entrevistas foram realizadas nos três últimos dias da novena da festa de Nossa Senhora de Nazareth, sendo os sujeitos entrevistados no interior da igreja e nas proximidades desta, locais onde acontece a festa. As entrevistas foram gravadas e transcritas para realização da análise dos dados (Queiroz, 1991).

A metodologia de análise de dados utilizada foi a análise fenomenológica (van der Leeuw, 1992; Forghieri, 1993; Amatuzzi, 1996). Apoiamo-nos ainda metodologicamente em van der Leeuw (1992) quanto à formulação de 'experiência tipo'. Van der Leeuw propõe sete elementos para o exercício da Fenomenologia que permite-nos chegar às estruturas dos fenômenos e a formulação da experiência tipo (van der Leeuw, 1992; Mahfoud, 2003; Araújo e Mahfoud, 2004): (a) nomear os fenômenos; (b) inserir o fenômeno na nossa própria vida; (c) inserir entre parênteses; (d) elucidar o que se mostra buscando conexões típicas; (e) compreender o sentido próprio que a realidade oferece a minha consciência; (f) retificar continuamente confrontando a compreensão com os dados e fatos empíricos; (g) reconstruir o significado apreendido explicitando a objetividade do significado.

## 4. RESULTADOS

Identificamos alguns “tipos” de vivências religiosas individuais que entram na constituição das vivências propriamente comunitárias. Trata-se de vivências que remetem a um núcleo de significado comum que passa a ser compartilhado com os outros moradores da comunidade.

### *a) Reconhecer a ação de Nossa Senhora*

É só Ela que pode ajudar a gente mesmo. Quer dizer, a num tem... num sei nem te falar, de tanta coisa, assim que acontece, né? Na vida da gente, que a pessoa po... as vezes fala assim: “É...é sorte. É sorte. Num aconteceu tal coisa assim e assim, porque deu sorte.” Deu sorte nada. Deu sorte, porque atrás de...de...de falar que é sorte, tem muita intercessão de Nossa Senhora, né. E nossa, tem tanta coisa. Igual Celso mesmo, ele... (Beatriz, 52 anos)

As pessoas entrevistadas citaram acontecimentos em que reconhecem a intervenção de Nossa Senhora de Nazareth na realidade em momentos de dificuldade ou perigo. Os acontecimentos são considerados como consequência de uma ação sobrenatural, onde o “acaso” ou a “sorte” não são utilizados como categorias de compreensão dos fatos, mas alguns fatos específicos são entendidos como uma ação de socorro, proteção ou bondade de N. Sra. que vem em resposta à uma oração ou até mesmo por iniciativa d’Ela. As vivências onde as pessoas reconhecem esta ação de N. Sra. referem-se a fatos que aconteceram com elas mesmas ou com outras pessoas da comunidade e que são apropriados como sinais da presença e da ação de N. Sra. de Nazareth na realidade da comunidade. A experiência individual de reconhecer uma ação de N. Sra. é compartilhada com as demais pessoas da comunidade, bem como, os relatos das outras são integrados na sua própria experiência enquanto possibilidade e esperança de também serem beneficiados pela ação da Padroeira. A presença e ação de N. Sra. é apreendida em um contexto de significado pessoal que, após compartilhado, constitui uma experiência religiosa comunitária.

### *b) Compartilhar o significado dos símbolos sagrados*

Ah, ‘cê vê que ... ‘cê num vê... Ela num dá mostraçõ de triste, ‘cê vê o rosto d’Ela sempre alegre. Acho que Ela tá... Ela sabe que tá fazendo, né? Então a gente sente Ela mais... Ela mais reforçada. Eu vejo Ela assim: eu vejo Ela alegre, eu vejo Ela alegre e tem... eu acho que Ela quer assim; então a gente tem que aceitar, Ela sabe o que que tá fazendo. Então, é o meu modo de entender. Eu peço. Eu peço Ela com fé mesmo. Então a gente sente aquele rosto d’Ela, ocê... “Às vezes, nós tá achando Nossa Senhora de Nazareth muito triste”. Eu falei assim: “Será?”. Aí cheguei, num tinha ninguém na igreja – é qu’eu tava... é qu’eu gosto de fazer meu pedido, Miguel, é sem ninguém, aqui ó, sabe com’ê que é? – Então chego aqui ó, é qu’eu olho pro rosto d’Ela e pedindo Ela. Não, qu’eu gosto de pedir é assim, sem ninguém. Agora ‘cê vê a mostraçõ d’Ela, aí sabe o que que Ela quer. (Biló, 42 anos)

O significado apreendido através dos símbolos sagrados, como a imagem de Nossa Senhora de Nazareth e a bandeira de Nossa Senhora, são compartilhados entre as pessoas e disponibilizam um núcleo comum que é visado pela comunidade. No caso da imagem de N. Sra. e da bandeira, estes objetos representam a própria presença da padroeira e, algumas vezes, até são identificados como a própria manifestação da presença dela. Algumas pessoas visualizam mudanças na fisionomia da imagem como uma forma de comunicação de N. Sra., outras cuidam da manutenção ou do enfeite da imagem expressando o carinho com a própria N.Sra., outros ainda buscam uma aproximação e contato físico destes símbolos concebendo como uma forma de tocar na própria presença sagrada.

### *c) Acolher a tradição religiosa*

Não, não tenho nem como dizer porque eu acho que eu já nasci com essa devoção. Porque... Acho que, desde que os pais já vem com aquela devoção, os pais já vem rezando, ‘cê tá lá no ventre, né? Eu acho que ‘cê já vai repassando as coisa do seu pai e da sua mãe. Eu acho que minha mãe, desde o ventre, já me consagrou a Nossa Senhora. Por causa do amor dela, do... do... da devoção, da fé, dos antepassado que a mãe dela também era devota; então, eu, assim, lembrar quando eu comecei, eu num lembro, eu sei que toda vida amei. Eu sei que toda vida amei. Em toda a minha vida eu... eu amei a

Nossa Senhora, né? Ela só que sabe quando começou, porque Ela deve saber se foi quando eu... né? (Basseli, 42 anos)

Um terceiro tipo de vivências individuais identificadas, que constituem as experiências religiosas comunitárias, são aquelas ligadas à tradição religiosa que é transmitida pela família ou por outros membros da comunidade. A fé e a devoção que as pessoas entrevistadas têm diante de N. Sra., foram despertadas desde criança. Isto significa que o reconhecimento da presença e da ação de N.Sra. na vida da comunidade é uma vivência que é construída comunitariamente, no sentido de receberem da comunidade a maneira de compreenderem os fenômenos comuns e os critérios de julgarem as ações como originadas da Padroeira.

A experiência religiosa comunitária não só é constituída através do posicionamento pessoal dos membros da comunidade, como também seu posicionamento pessoal é marcado pelo sentido que é compartilhado ou apreendido das experiências dos outros membros da comunidade. Identificamos que a experiência religiosa comunitária provoca uma dinâmica típica no posicionamento pessoal dos membros da comunidade religiosa em Morro Vermelho:

### ***1) Devoção permanente a Nossa Senhora***

Eu peço Ela é todo dia. E todo dia eu rezo pra Nossa Senhora de Nazareth. Agrad... Peço Ela e agradeço Ela do que Ela faz. Porque às vez Ela faz muito trem. Eu tenho mais é que agradecer, num é de pedir mais. Porque pedir, nós pede é todo dia. Pede é pra esse Brasil nosso. Acontece esses trem aí... 'cê vê trem acontecendo todo lado. E nós aqui. Graças a Deus, aqui nós ta no céu. Aqui nós tamo no céu. (Biló, 42 anos)  
Tudo é força d'Ela, né? Que sem Ela a gente num arruma nada. (...) Mas, ele num pensa que se Ela dá a benção l'em cima, ocê cá embaixo num arruma nada, né? Eu penso é nisso. (Antonio, 43 anos)

A identificação da ação de N. Sra. na vida pessoal e comunitária provoca nas pessoas entrevistadas uma atitude de devoção e gratidão permanentes. Permanentes no sentido de que a festa de N. Sra. não é o único momento em que as pessoas buscam um encontro com Ela, mas é um momento especial que é inserido em uma vida onde o relacionamento com a Padroeira é constante durante todo o ano e em diversas situações da vida. O agradecimento e o pedido são atitudes típicas deste relacionamento, não só no momento da festa.

### ***2) Abertura à alteridade***

É. 'Cê num faz festa. Ocê faz festa pr'os outro, num é pra gente que tá... que tá trabalhando. A gente faz festa pr'os outro. (Biló, 42 anos)  
... quer dizer, eu sei. Mamãe sempre fala assim: "Oh, o pessoal que chega esses dias são as visitas de Nossa Senhora. Não são a toa. Então, nós temos que procurar receber essas visitas muito bem. Porque não são as nossas visitas mas são d'Ela." (Beatriz, 52 anos)  
Quer dizer, dessas pequenas coisas, porque disso nasce muita união. Sabe? Nasce muita amizade. Nasce compreensão, né? É assim um as vezes, saber aceitar o outro. Então, isso é bom... (Beatriz, 52 anos)

A atitude de se perceberem visando o mesmo conteúdo de sentido, a presença de N. Sra., cria laços de reconhecimento e de pertença, gerando relações propriamente comunitárias. Nestas relações, as pessoas se colocam frente a frente como sujeitos, reconhecem-se como pessoas e se posicionam reciprocamente com atitudes de cuidado, ajuda, amizade, união, entre outras. As pessoas que participam da festa nestes dias são considerados como visitas de N.Sra. e acolher e cuidar destas pessoas é um gesto onde elas estão se posicionando não apenas em relação aos participantes, mas também em relação à própria N. Sra. Centrando-se na presença de N. Sra. a intersubjetividade é vivida de maneira a reconhecer o outro como pessoa e reconhecer o seu valor de pessoa humana.

### ***3) Empenho com a manutenção da tradição cultural da comunidade***

Aí, nós cada um tem uma responsabilidade na tradição aqui. E eu mexo com a parte de foguete, esse ano já to mexendo com foguete e barraca, meu irmão mexe com a praça, então nós num... Nós tem cada um... já tem Zé Leal com a banda. Então, essa tradição veio assim, cada um assume aquilo que o pai deixou. 'Cê sabe com'é que é? Pai largou, o filho pegou pra mexer. (...) Então, passa... a festa passa de pai pra filho. É por isso que é tradição... (Biló, 42 anos)

Tô vindo esse ano não, é todos os anos, porque é uma tradição. E esse ano eu tô mais empenhado porque o povo afastou, a gente ta sozinho, então eu tô mais empenhado ainda na festa. (...) E também não pode, a gente não pode afastar também, porque a gente tem uma certa experiência da festa aqui desde menino. (Nildo)

A tradição religiosa é constitutiva da vivência religiosa individual, mas não só a tradição provoca a liberdade das pessoas na participação da festa, como também, uma vez assumido seu lugar e responsabilidades com as atividades da festa, as pessoas entrevistadas passam a tomar consciência de que estão contribuindo com a manutenção da tradição da comunidade, que estão dando continuidade à forma de fazer dos antigos e que, de alguma forma, já estão dividindo e re-transmitindo suas responsabilidades a outros jovens. Este posicionamento de empenho com a tradição possibilita a inserção das pessoas enquanto sujeitos em seu contexto sócio-histórico específico, construindo a história da sua comunidade e mantendo a construção cultural que fundamenta e expressa a vida da comunidade.

## 5. CONCLUSÃO

A experiência religiosa comunitária, assim como apreendida na elaboração da experiência dos moradores de Morro Vermelho/MG, mostrou-se constituída pela maneira como as pessoas compartilham os significados pessoais vivenciados na relação individual com N. Sra. através (a) do reconhecimento da ação de N. Sra.; (b) dos significados apreendidos nos símbolos sagrados compartilhados; (c) na relação com a própria tradição cultural religiosa. O posicionamento pessoal, constituído pelo reconhecimento dos significados das vivências religiosas individuais e pelo compartilhamento deste significado com os demais membros, disponibiliza uma bagagem cultural comum que desperta e mantém as experiências religiosas comunitárias.

As vivências comunitárias religiosas, por sua vez, são apropriadas pela pessoa, provocando um posicionamento pessoal caracterizado essencialmente por: (1) uma devoção permanente a N. Sra.; (2) uma abertura à alteridade; (3) um empenho com a tradição cultural da comunidade. A experiência religiosa comunitária é constituída pelo posicionamento pessoal dos membros da comunidade, mas também, esta mesma experiência religiosa comunitária, mobiliza de forma específica o posicionamento pessoal dos membros em relação aos outros e à Nossa Senhora de Nazareth. A estrutura da pessoa é mobilizada através da experiência religiosa comunitária, provocando um comprometimento com a comunidade e um empenho com uma construção histórico-cultural.

## BIBLIOGRAFIA

- ALES BELLO, A. *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. Tradução de A. Angonese. Bauru: EDUSC, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. Tradução de A. Angonese. Bauru: EDUSC, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Tradução e organização Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru: EDUSC, 2004.
- AMATUZZI, M. M. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, Campinas, n. 13, v. 1, p.5-10, 1996.
- ARAÚJO, R. A.; MAHFOUD, M. Memória coletiva e imagem fotográfica: elaboração da experiência em uma tradicional comunidade rural. *Memorandum*, Belo Horizonte: UFMG, Ribeirão Preto: USP, n. 2, p. 68-103, abr. 2002a. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/araujo02.htm>>. Acesso em 12 jul. 2005.
- \_\_\_\_\_. O sagrado no mundo-da-vida: o significado da Padroeira Nossa Senhora de Nazareth para a comunidade de Morro Vermelho. In: INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE MINAS GERAIS (Org.). *Anais do V congresso de ciências humanas, letras e artes: humanidades, universidade e democracia*, 2002b. Disponível em: <<http://www.ufop.br/ichs/conifes/anais/CMS/cms1201.htm>>. Acesso em 12 jul. 2005.
- \_\_\_\_\_. A devoção a Nossa Senhora de Nazareth a partir da elaboração da experiência ontológica de moradores de uma comunidade tradicional. *Memorandum*, Belo Horizonte:

UFMG, Ribeirão Preto: USP, n. 6, p. 25-54, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos06/aramahfoud01.htm>>. Acesso em 12 jul. 2005.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução R. Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FORGHIERI, Y. C. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira, 1993.

MAHFOUD, M. *Folia de Reis: festa raiz: psicologia e experiência religiosa na estação ecológica Juréia-Itatins*. Campinas: CMU/Unicamp; São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003.

MICHELAT, G. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: THIOLLENT, M. J. M. (Org.). *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 5ª ed. São Paulo: Editora Polis, 1987, p. 191-211.

QUEIROZ, M. I. P. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1985.

STEIN, E. *Il problema dell'empatia*. 2ª ed. Tradução E. Costantini. Roma: Edizione Studium, 1998.

\_\_\_\_\_. *La struttura della persona umana*. Tradução M. D'Ambra. Roma: Città Nuova, 2000.

\_\_\_\_\_. La struttura ontica della persona e la problematica della sua conoscenza. In: \_\_\_\_\_. *Natura, persona, mistica: per una ricerca cristiana della verità*. 2ª ed. Tradução M. D'Ambra. Roma: Città Nuova, 1999a, p. 49-113.

\_\_\_\_\_. *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica*. Tradução A. M. Pezzella. Roma: Città Nuova, 1999b.

\_\_\_\_\_. Vie della conoscenza di Dio. In: \_\_\_\_\_. *Vie della conoscenza di Dio*. Tradução Suor Giovanna della Croce o.c.d. Padova: Ed. Messaggero, 1983, p. 125-187.

VAN DER LEEUW, G. *Fenomenologia della religione*. Tradução L. Conte. Torino: Bollati Boringhieri, 1992.